



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

SASKYA MARIANA DE MENDONÇA LEITE

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

JOÃO PESSOA - PB

2026

SASKYA MARIANA DE MENDONÇA LEITE

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS
COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Coordenação do
Curso de Pedagogia da
Universidade Federal da
Paraíba como requisito para
obtenção do título de
Licenciatura em Pedagogia,
sob orientação da Dra. Izaura
Maria de Andrade da Silva.

JOÃO PESSOA - PB

2026

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

L533p Leite, Saskya Mariana de Mendonça.
Práticas pedagógicas na alfabetização de crianças
com Transtorno do Espectro Autista / Saskya Mariana de
Mendonça Leite. - João Pessoa, 2026.
56 f. : il.

Orientação: Izaura Maria de Andrade Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Alfabetização. 2. Práticas pedagógicas. 3.
Transtorno do Espectro Autista (TEA). I. Silva, Izaura
Maria de Andrade. II. Título.

UFPB/CE

CDU 616.896(043.2)

SASKYA MARIANA DE MENDONÇA LEITE

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM
TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em
Pedagogia na Modalidade Presencial, do Centro de
Educação da Universidade Federal da Paraíba, como
requisito institucional para obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia.

Aprovada em: 07/04/2026

BANCA EXAMINADORA

Izaura Maria de Andrade da Silva
Prof. Dra. Izaura Maria de Andrade da Silva
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

ADENIZE QUEIROZ DE FARIAS
Prof. Dra. Adenize Queiroz de Farias
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Fernanda Zilli
Prof. Dra. Fernanda Zilli do Nascimento
Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Dedico àqueles que vêm me
apoando ao longo da vida
facilitando a minha caminhada.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, fonte de toda força e sabedoria, por ter me sustentado nos momentos de dificuldade, por renovar minha fé quando pensei em desistir e por iluminar meus caminhos ao longo de toda esta jornada acadêmica. Foi por meio da Sua graça que encontrei coragem para superar os desafios, perseverança para continuar mesmo diante das adversidades e discernimento para tomar as melhores decisões, permitindo que eu chegasse até aqui com gratidão e a certeza de dever cumprido.

Aos meus professores e orientador(a), expresso minha mais sincera e profunda gratidão pela dedicação, paciência e compromisso com a minha formação acadêmica. Agradeço pelos ensinamentos valiosos, pelas orientações cuidadosas, pelas críticas construtivas e pelo constante incentivo ao desenvolvimento do pensamento crítico e científico. Cada contribuição, conselho e momento de orientação foram essenciais para a construção deste trabalho, tornando este processo não apenas um desafio, mas também uma experiência enriquecedora e transformadora.

Aos meus colegas e amigos, expresso minha sincera gratidão pelo apoio constante, pelo incentivo nos momentos mais desafiadores e pelos inúmeros momentos de troca de conhecimentos e experiências que tornaram essa caminhada mais leve, significativa e enriquecedora. Em especial, agradeço às minhas amigas Ellen Dayse, Valéria, Ellen Arnaud e Crislane, pela amizade, companheirismo, escuta atenta e por estarem presentes em cada etapa dessa jornada, contribuindo não apenas para a construção deste trabalho, mas também para o meu crescimento pessoal e acadêmico.

De maneira muito especial, dedico este trabalho aos meus pais, Manoel Caetano e Cleonice Maria (in memoriam), que foram minha base, minha maior inspiração e exemplos de amor, coragem e dignidade ao longo de toda a minha vida. Durante essa caminhada, enfrentei a imensa dor de perder minha mãe, Cleonice Maria, no decorrer do curso, um momento difícil que marcou profundamente minha trajetória. Ainda assim, foi na força dos ensinamentos, no amor que recebi e nas lembranças que carrego comigo que encontrei motivação para seguir em frente.

Mesmo ausentes fisicamente, sinto suas presenças em cada conquista, em cada passo dado e em cada desafio superado. Tudo o que sou e tudo o que conquistei carrega um pouco

de vocês. Este trabalho é mais do que uma realização acadêmica, é uma forma de homenagear suas histórias, seus valores e o amor que sempre me sustentou. Esta conquista é, e sempre será, de vocês.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho e para a concretização deste sonho. Seja por meio de palavras de incentivo, gestos de apoio, compreensão nos momentos de ausência ou colaboração ao longo dessa trajetória, cada contribuição teve um papel importante. Levo comigo a gratidão por todos que cruzaram meu caminho e, de alguma maneira, fizeram parte dessa conquista, tornando possível a conclusão desta etapa tão significativa da minha vida.

Não se aprende, Senhor, na
fantasia, sonhando, imaginando
ou estudando, senão vendo,
tratando e pelejando.

Camões

Canto x - Os Lusíadas

RESUMO

Ao ingressar no ambiente escolar, observa-se o aumento da presença de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas salas de aula, o que evidencia desafios tanto no processo de alfabetização dessas crianças quanto na atuação docente em adaptar práticas pedagógicas às suas necessidades. Diante da limitada formação inicial dos professores para lidar com o TEA, esta pesquisa busca compreender como ocorre a alfabetização desses alunos e identificar as dificuldades enfrentadas pelos educadores. No contexto brasileiro, os baixos índices de alfabetização nos anos iniciais reforçam a necessidade de atenção a estudantes com barreiras específicas de aprendizagem, apesar dos avanços em políticas públicas inclusivas. Embora a inclusão escolar seja garantida por lei, a simples inserção do aluno não assegura sua aprendizagem efetiva. Nesse sentido, a pesquisa evidencia a importância da formação continuada dos professores, do planejamento pedagógico e da parceria entre escola, família e equipe de apoio para compreender as particularidades de cada criança. Destaca-se também que o uso de recursos pedagógicos diversificados pode favorecer a aprendizagem quando aplicado de forma intencional, dependendo da mediação consciente do professor. Assim, o estudo justifica-se por contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, que garantam não apenas a presença, mas a participação e o desenvolvimento dos estudantes com TEA, além de oferecer subsídios teóricos e metodológicos para a atuação docente na educação inclusiva.

Palavras-chave: Alfabetização; Práticas pedagógicas; Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT

Upon entering the school environment, there is an observed increase in the presence of students with Autism Spectrum Disorder (ASD) in classrooms, highlighting challenges both in the literacy process of these children and in the teachers' role in adapting pedagogical practices to their needs. Given the limited initial training of teachers to deal with ASD, this research seeks to understand how literacy occurs for these students and to identify the difficulties faced by educators. In the Brazilian context, the low literacy rates in the early years reinforce the need for attention to students with specific learning barriers, despite advances in inclusive public policies. Although school inclusion is guaranteed by law, the simple insertion of the student does not ensure their effective learning. In this sense, the research highlights the importance of continuing teacher training, pedagogical planning, and partnership between school, family, and support team to understand the particularities of each child. It is also highlighted that the use of diverse pedagogical resources can favor learning when applied intentionally, depending on the teacher's conscious mediation. Thus, this study is justified by contributing to the construction of more inclusive pedagogical practices that guarantee not only the presence, but also the participation and development of students with ASD, in addition to offering theoretical and methodological support for teaching practice in inclusive education.

Keywords: Literacy; Pedagogical practices; autism spectrum disorder.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

DSM-5	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição
LDB	Lei das Diretrizes e Bases
MEC	Ministério da Educação e Cultura
PNA	Política Nacional de Alfabetização
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
ABA	Análise do Comportamento Aplicada
PEI	Plano Educacional Individualizado
DUA	Desenho Universal para aprendizagem

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1 ALFABETIZAÇÃO	14
1.2 MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO	17
1.3 ALFABETIZAÇÃO SEGUNDO VYGOTSKY	20
1.4 ALFABETIZAÇÃO SEGUNDO PIAGET	21
1.5 ALFABETIZAÇÃO SEGUNDO SKINNER	22
2. O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	23
2.1 LEGISLAÇÃO	25
2.2 ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TEA	27
3. METODOLOGIA	30
4. A ENTREVISTA	31
5. ANÁLISE E RESULTADOS DA ENTREVISTA	32
O PERFIL DAS PROFESSORAS	32
TRABALHO COM CRIANÇAS TEA	34
OPINIÕES PESSOAIS	36
6. ANÁLISE DE MATERIAIS	38
6.1 ALFABETO E RÉGUA	39
6.2 ALFABETO MÓVEL	40
6.3 ALFABETO FÔNICO	42
6.4 SÍLABAS	44
6.5 ALFABETO CURSIVO EM LIXA	46
6.6 JOGOS	48
7. CONCLUSÃO	51
8. REFERÊNCIAS	53
9. APÊNDICE	57

1. INTRODUÇÃO

Ao começar a trabalhar no ambiente escolar, é possível verificar cada vez mais em sala de aula a presença de alunos com o Transtorno do Espectro Autista (TEA), onde é possível observar de perto não só as dificuldades deles no processo de alfabetização, como também, das professoras encarregadas em sala de aula de mediar e adequar as atividades de sala de aula de acordo com as necessidades desses alunos.

Observando as necessidades enfrentadas em sala de aula e a falta de aprofundamento durante a formação profissional do professor no ensino de crianças com transtornos do espectro autista, esta pesquisa tem o propósito de contribuir, esclarecer e cobrar uma maior atenção dos profissionais da educação com a questão a alfabetização dessas crianças, a fim de buscar a equidade delas em sala de aula no desenvolvimento da aprendizagem.

Dessa forma, o problema de pesquisa proposto busca compreender como se desenvolve o processo de alfabetização de crianças com TEA, bem como identificar as dificuldades enfrentadas pelos docentes durante essa etapa.

O cenário brasileiro evidencia a urgência de um olhar atento à questão da alfabetização. Dados sobre o desempenho em avaliações nacionais frequentemente apontam para um número expressivo de crianças que concluem os primeiros anos do ensino fundamental sem terem atingido os níveis esperados de alfabetização. Parte desse desafio reside na identificação e no atendimento adequado aos alunos que enfrentam barreiras específicas na aprendizagem da leitura e da escrita.

Reconhecendo essa realidade, o Brasil tem buscado fortalecer seu arcabouço legal e suas políticas públicas voltadas para a alfabetização e a inclusão educacional. Iniciativas como o Compromisso Nacional Criança Alfabetizada (instituído pelo Decreto nº 11.556/2023), a PNA instituída pelo Decreto nº 9.765, de 11 de abril de 2019, refletem um esforço em garantir o direito à educação de qualidade para todos, considerando suas necessidades individuais.

O Ministério da Educação (MEC) tem atuado para promover a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista na educação com políticas e ações que visam garantir o acesso, a permanência e a aprendizagem desses alunos, trabalhando com diversos órgãos e entidades para fortalecer a educação inclusiva.

Como relatado acima, a inclusão escolar é um direito garantido por lei, mas só a presença do aluno com TEA na sala de aula regular não garante por si só, sua aprendizagem. Desta maneira, socialmente falando, este presente trabalho justifica-se pela necessidade de romper barreiras de exclusão invisíveis presentes em sala de aula. Ao investigar as práticas pedagógicas eficazes, o estudo contribui para que crianças com autismo não apenas ocupem um espaço físico, mas também desenvolvam autonomia e habilidades de comunicação essenciais para sua integração na sociedade.

No campo científico, observa-se que, embora a literatura sobre TEA seja vasta na área da saúde, ainda há uma carência de materiais que foquem na didática e na prática da escola. Com isto em mente, este trabalho se justifica academicamente ao sistematizar metodologias diversificadas que auxiliam educadores em ações práticas em sala de aula, desta forma a pesquisa preenche uma lacuna sobre *como* ensinar, oferecendo um referencial teórico atualizado para futuros pesquisadores em educação especial.

A pesquisa pretende oferecer como contribuição sobre a eficácia de métodos que respeitem o processamento sensorial e cognitivo da criança com autismo, além de fornecer subsídios teóricos que ajudem o professor a entender o TEA não como uma limitação do aprendizado, mas como uma forma diferente de aprender que demanda uma mediação específica.

Possuindo como objetivo geral analisar os diferentes métodos e práticas eficazes na alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista e como objetivo específico identificar as principais características do TEA que influenciam no processo de aquisição da leitura e escrita e investigar metodologias e recursos didáticos que auxiliam a mediação docente. O trabalho está dividido nos seguintes capítulos: 1) Alfabetização, abordando o processo sob a ótica de Vygotsky, Piaget e Skinner; 2) O Transtorno do Espectro Autista, que introduz o conceito e discute métodos específicos de alfabetização; 3) Metodologia; 4) Resultados e Discussões; 5) Conclusão; 6) Referências; e 7) Apêndice.

1.1 ALFABETIZAÇÃO

Na primeira metade do século passado, para ser considerado alfabetizado bastava saber assinar o próprio nome. Em 1958, a Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) constata que conhecer o alfabeto e saber codificar e decodificar palavras escritas já é insuficiente para as lides urbanas modernas e é considerada alfabetizada a pessoa capaz de ler e escrever com compreensão um enunciado curto de sua vida cotidiana. Já em 1978, a Unesco reformula esta definição, qualificando como funcionalmente alfabetizada a pessoa capaz de se engajar em todas as atividades nas quais a alfabetização é requerida para o seu funcionamento na sociedade como também para capacitá-la a continuar a usar leitura, escrita e cálculo para seu próprio desenvolvimento e o da comunidade.

A alfabetização é um processo complexo que vai além da simples decodificação de letras e sons, envolve o desenvolvimento de um conjunto de habilidades relacionadas que permitem ao indivíduo não apenas ler e escrever palavras, mas também compreender e produzir textos com autonomia e criticidade, a capacidade de ler e escrever com fluência e compreensão é o alicerce para o sucesso acadêmico e a participação plena na sociedade. Ignorar as barreiras específicas que alguns alunos encontram nesse processo significa não apenas comprometer suas trajetórias escolares individuais, mas também perpetuar ciclos de desigualdade educacional.

Desta forma, para que esse processo ocorra de maneira eficaz, é fundamental que o ensino contemple os componentes essenciais da alfabetização, muitos dos quais são enfatizados tanto pela ciência cognitiva quanto por políticas públicas como a Política Nacional de Alfabetização, componentes estes que incluem a consciência fonológica e fonêmica, instrução fônica sistemática, fluência em leitura oral, o desenvolvimento de vocabulário, a compreensão de textos e a produção de escrita.

Consciência fonológica trata-se da habilidade de reconhecer e manipular os sons da fala e a consciência fonêmica da capacidade de manipular os fonemas de uma palavra permitindo que as crianças compreendam a relação entre sons e letras. A instrução fônica sistemática compreende um método de alfabetização que ensina a relação entre os sons da fala e as letras de forma organizada e progressiva.

A fluência em leitura oral como o próprio nome já diz se trata da capacidade de leitura da criança. O desenvolvimento de vocabulário se trata da aquisição de novas

palavras na sua fala até chegarmos na compreensão de textos, desenvolvendo seus sentidos e ideias sobre o que está sendo lido. Já a produção escrita se trata da capacidade de conseguir interagir e se expressar através da escrita.

O ensino tradicional traz que as práticas de ensino da língua escrita muitas vezes está pautada no que se sabe sobre a aquisição da língua oral, ou seja, assim como na fala, o ensino da língua escrita segue começando pelas vogais, logo em seguida na combinação das vogais com as consoantes simples para daí chegar a formação das primeiras palavras, ou seja, o ensino tradicional obrigou as crianças a reaprender os sons da fala pensando que, se eles não são adequadamente diferenciáveis, não é possível escrever num sistema alfabético (FERREIRO, 1999, p.27)

A obra *Psicogênese da língua escrita*, de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, revolucionou a compreensão da alfabetização ao demonstrar que a criança não aprende a ler e escrever de forma mecânica, mas constrói hipóteses sobre o funcionamento da escrita. As autoras evidenciam que, antes mesmo da escolarização formal, a criança já elabora ideias sobre a linguagem escrita, passando por níveis de desenvolvimento — como o pré-silábico, silábico e alfabético — nos quais vai progressivamente compreendendo a relação entre fala e escrita. Assim, a alfabetização é entendida como um processo ativo de construção do conhecimento, no qual o erro faz parte do aprendizado e revela o raciocínio da criança.

A perspectiva de Magda Soares amplia essa compreensão ao destacar que a alfabetização não se restringe à aprendizagem do sistema de escrita, mas deve estar articulada ao letramento, ou seja, ao uso social da leitura e da escrita. Para a autora, alfabetizar é ensinar o código alfabético de forma sistemática, ao mesmo tempo em que se promove a inserção do sujeito em práticas sociais significativas de leitura e escrita. Dessa forma, a alfabetização eficaz ocorre quando o indivíduo não apenas decodifica palavras, mas compreende, interpreta e utiliza a linguagem escrita em diferentes contextos sociais.

Ao alinhar as ideias dessas abordagens, percebe-se que ambas convergem ao rejeitar uma visão tradicional e mecanicista da alfabetização. Enquanto Ferreiro e Teberosky enfatizam o processo interno de construção do conhecimento pela criança, Magda Soares destaca a dimensão social e funcional da escrita. Juntas, essas perspectivas indicam que a alfabetização deve considerar tanto o desenvolvimento cognitivo do aprendiz quanto sua

inserção em práticas sociais de linguagem, promovendo uma aprendizagem significativa, contextualizada e crítica.

1.2 MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

Alfabetizar pode ser definido como a ação de se apropriar do alfabeto, da ortografia da língua que se fala, ou seja, dominar um sistema complexo de representações e de regras de correspondência entre letras (grafemas) e sons da fala (fonemas) numa dada língua. Quando tratamos de alfabetização começamos a falar sobre os métodos, existindo os métodos sintéticos que vão da parte para o todo, podendo ser dividido em método silábico e método fônico, existindo também o método analítico de alfabetizar, que vão do todo para a parte, ou do texto para as unidades menores como a palavra, a sílaba e a letra.

O método silábico de alfabetização, cabe melhor em línguas silábicas como português e outras línguas latinas, propondo que os alunos aprendam primeiro a combinar consoantes e vogais para formar sílabas simples, depois essas sílabas são usadas para formar palavras e em seguida frases e pequenos textos. A lógica deste método é que a criança compreenda que a escrita se organiza a partir da junção de sons em blocos maiores, as sílabas, o que facilita a memorização e decodificação inicial

Já o método fônico cabe melhor em línguas não silábicas, como inglês e línguas anglo saxônicas e consiste em ensinar a criança a ler e escrever a partir da relação grafema (letra escrita) e fonema (o som da fala), desta forma a ênfase está em mostrar que cada letra ou grupos de letras corresponde a um som específico, e que, ao combiná los formamos sílabas, palavras e frases. Neste método o processo começa pelo som das letras (/m/)depois para a junção de fonemas (m + a = ma) e em seguida para a formação das palavras (ma + la = mala), a lógica é que ao dominar as correspondências sonoras a criança consiga decodificar qualquer palavra nova, mesmo que ainda não a tenha memorizado.

O metodo analítico consiste em ensinar a ler e escrever partindo de unidades maiores de sentido - como palavras, frases ou pequenos textos - para depois analisar e identificar as partes menores, sílabas e letras, diferente dos métodos sintéticos que começam pelas letras ou sílabas e vão até a palavra, o analítico faz o caminho inverso, primeiro a criança reconhece a palavra ou frase inteira em um contexto significativo, e só depois aprender a decompor esta palavra em sílabas e letras, neste método a palavra é apresentada ao aluno, muitas vezes acompanhada da imagem, porém a atenção é dirigida aos detalhes da palavra como sílabas, letras e sons

Quando tratamos da alfabetização é também importante falarmos sobre o

letramento visto que ambos caminham juntos, O letramento envolve a imersão da criança, do jovem ou do adulto no mundo da escrita (Kleiman. A), sendo um processo separado da alfabetização, mesmo que um indivíduo não seja alfabetizado, ele pode ser considerado letrado, dependendo de sua interação na sociedade, sendo assim a alfabetização e o letramento compreende diferentes processos que trabalham em conjunto.

"Alfabetização e letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro é de natureza essencialmente diferente; entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes. A alfabetização — a aquisição da tecnologia da escrita — não precede nem é pré-requisito da aprendizagem do letramento; ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita." (Soares, 2020, p.27)

As fases da alfabetização como trazida por Emília Ferreiro no livro “psicogênese da língua escrita” podemos observar os níveis: Pré-silábico, Silábico, Silábico-alfabético e Alfabético.

O nível pré-silábico consiste na fase inicial do processo de alfabetização, onde a criança ainda não compreende a relação entre letras e sons da fala. Nesse estágio, a criança diferencia o desenho da escrita e pode usar letras de forma aleatória, rabiscos ou símbolos, sem se preocupar com a quantidade de letras ou sua correspondência com a palavra falada.

O nível silábico a criança passa a entender que o que se escreve está relacionado com o que se fala, e começa a buscar explicações para compreender melhor o sistema alfabético, separando oralmente as palavras e buscando correspondência em suas grafias, há a percepção de que fala e letras são correspondentes, mesmo que não consiga conectar letras e sons.

O nível silábico-alfabético, a criança percebe que as sílabas que fala possuem mais de uma letra e passa então a realizar combinações de vogais e consoantes em uma mesma palavra, buscando combinar sons e percebendo que a escrita representa o som do que se fala.

E por fim o nível alfabético é onde a criança já consegue perceber o valor de letras

e sílabas, se tornando capaz de compreender que uma mesma sílaba pode ser composta por uma, duas ou três letras apesar de ainda não compreender completamente a parte léxica ou ortográfica das palavras.

1.3 ALFABETIZAÇÃO SEGUNDO VYGOTSKY

Para Vygotsky (1896 - 1933), o aprendizado orientado para níveis de desenvolvimento que já foram atingidos é ineficaz do ponto de vista do desenvolvimento global da criança, com isso a principal teoria trazida por Vygotsky é a da Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Esta teoria fala sobre a capacidade de desenvolvimento da criança com o auxílio direto ou indireto de um adulto. Neste processo, a aprendizagem acontece por meio da mediação, onde um adulto oferece apoio temporário que são retirados aos poucos à medida que o aluno ganha autonomia, à medida que pratica, o aluno internaliza este conhecimento e se torna autônomo, podendo realizar a atividade sem ajuda. Desta forma, a ZDP mostra que a aprendizagem antecipa e impulsiona o desenvolvimento, sendo fundamental para promover não apenas a aquisição dos conteúdos como também a autonomia.

Além da ZDP, Vygotsky também traz em sua teoria a mediação e a compensação, mediação essa que se refere à forma como as interações sociais e o uso de ferramentas culturais como a linguagem influenciam o desenvolvimento cognitivo e são internalizadas pelo indivíduo, já a compensação se refere a forma como o indivíduo pode desenvolver estratégias para superar suas limitações através da utilização de ferramentas e apoio social. Para Vygotsky, o erro não deve ser encarado como algo a ser evitado, mas sim como uma ferramenta de desenvolvimento do pensamento.

A perspectiva de Lev Vygotsky, apresentada na obra *A formação social da mente*, contribui significativamente para o conceito de alfabetização ao evidenciar que o aprendizado possui natureza essencialmente social, ocorrendo inicialmente no plano interpsicológico, nas interações com outras pessoas, para depois ser internalizado no plano intrapsicológico. Nesse sentido, a alfabetização não se reduz à decodificação de símbolos, mas constitui um processo mediado, no qual o professor desempenha papel fundamental ao atuar na zona de desenvolvimento proximal, auxiliando a criança a avançar para além do que conseguiria sozinha. Além disso, ao afirmar que pensamento e linguagem se integram ao longo do desenvolvimento, Vygotsky destaca que a aprendizagem da escrita está diretamente relacionada à construção do pensamento. Por fim, ao considerar a escrita como um sistema de signos culturais que transforma as funções psicológicas superiores, o autor reforça que alfabetizar implica inserir o indivíduo em práticas sociais de linguagem que ampliam suas capacidades cognitivas e sua participação na cultura.

1.4 ALFABETIZAÇÃO SEGUNDO PIAGET

Segundo os estudos de Piaget (1896-1980), ele traz o sujeito como um sujeito cognoscente, ou seja, que aprende através de suas próprias ações e constrói suas próprias categorias de pensamento. Piaget aponta que os estímulos não atuam diretamente mas, são transformados pelos sistemas de assimilação do sujeito, desta forma, um mesmo estímulo não é o mesmo a menos que os esquemas de assimilação a disposição também sejam os mesmos.

Piaget traz um marco teórico de referência sobre os processos de aquisição de conhecimentos, desta forma, a teoria de Piaget nos introduz o processo de escrita enquanto objeto de conhecimento e o sujeito da aprendizagem como o sujeito cognoscente anteriormente mencionado, desta forma o ponto de partida de toda a aprendizagem é o sujeito e entende que a linguagem é um aspecto fundamental para o desenvolvimento cognitivo da criança.

A contribuição de Jean Piaget para o conceito de alfabetização pode ser compreendida a partir da obra *A formação do símbolo na criança*, na qual o autor explica que o desenvolvimento da função simbólica é fundamental para que a criança consiga representar mentalmente objetos, ações e ideias por meio de signos. Nesse sentido, a alfabetização está diretamente relacionada à capacidade de compreender que a escrita funciona como um sistema de representação, no qual letras e palavras substituem elementos da realidade. Assim, antes mesmo de aprender a ler e escrever formalmente, a criança já constrói formas de representação por meio do desenho, do jogo simbólico e da linguagem oral, etapas essenciais para o desenvolvimento cognitivo. Dessa forma, alfabetizar não se resume à memorização de códigos, mas envolve um processo de construção ativa do conhecimento, no qual a criança atribui significado aos símbolos da escrita.

1.5 ALFABETIZAÇÃO SEGUNDO SKINNER

Para Skinner (1904-1990), o imediatismo existente no processo de alfabetização pode interferir no processo de aprendizagem, levando a criança a memorizar e repetir as palavras sem uma compreensão verdadeira do que está lendo ou escrevendo o que por sua vez, vai contra a perspectiva de Piaget que enfatiza a importância da construção do conhecimento pela própria criança, de forma ativa e significativa como falado anteriormente.

Segundo o autor, as crianças aprendem a ler e escrever por meio de um processo de tentativa erro e acerto, em que são recompensadas quando acertam e corrigidas quando erram, reforço positivo este muito utilizado na ABA (Análise do Comportamento Aplicada), abordagem terapêutica baseada em princípios científicos do comportamento, que visa melhorar habilidades, em pessoa com transtorno do espectro autista, desta forma ele entende a alfabetização como um processo aprendido e não como um desenvolvimento natural.

Esta abordagem pode ser problemática ao desconsiderar a subjetividade, a autonomia, a criatividade e o pensamento crítico da criança, mas invés de ser descartada completamente ela pode ser utilizada de forma cautelosa, pois o condicionamento operante pode ser uma ferramenta útil para modificar comportamentos específicos, principalmente em alunos com TEA, mas a educação deve ir além do controle e considerar também a individualidade do aluno, com o professor desempenhando um papel de mediador deste processo.

2. O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O transtorno do espectro autista consiste em um transtorno do neurodesenvolvimento, que afeta o indivíduo em diversos aspectos de sua vida, impactando no seu desenvolvimento e aprendizagem. O espectro autista varia de baixo para alto e, em alguns casos, com sintomas mais extremos do que outros.

Muitos estudos anteriores consideram que o autismo seja mais presente em meninos do que em meninas, mas o que se sabe hoje em dia é que muitos dos casos acabam sendo sub notificados quando se trata de indivíduos do sexo feminino em decorrência de vários aspectos sociais e históricos presentes na sociedade.

O diagnóstico é realizado por meio da avaliação médica, necessitando de acompanhamento por uma equipe multiprofissional de acordo com as necessidades da criança, as características do autismo já começam aparecer logo nos primeiros anos de vida, a partir dos 18-24 meses de idade e os acompanham pelo resto da vida, mas ainda assim é comum que ocorra o diagnóstico tardio.

O DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª Edição), considera atualmente três níveis de gravidade do TEA, sendo leve, moderado e severo, mas vale lembrar que o nível de suporte não resume a pessoa com autismo, porque o espectro se manifesta em cada indivíduo de forma diferente e também não consegue definir a pessoa com TEA por completo.

O nível leve exige pouco suporte, são indivíduos que lidam com dificuldades para manter e seguir normas sociais, apresentam comportamentos inflexíveis e dificuldade de interação social desde a infância, pessoas desse nível normalmente são mais difíceis de serem diagnosticadas por conta do masking, estratégia adotada por muitas pessoas com TEA, onde tentam a partir da imitação do comportamento de pessoas neurotípicas, esconderem o transtorno e se comportarem da forma que a sociedade espera, mesmo sendo o nível leve estas pessoas sentem impactos consideráveis do transtorno em seu cotidiano, e continua precisando de terapias e acompanhamento profissional.

O nível moderado, ou nível 2 de suporte, geralmente apresentam comportamento social atípico, rigidez cognitiva, dificuldades de lidar com mudanças e hiperfoco, nesse nível o indivíduo demonstra déficits marcantes na conversação, também apresentam uma incidência maior de outras comorbidades.

Já as pessoas que apresentam o nível 3 de suporte, o severo, apresentam dificuldades graves no seu cotidiano com um déficit severo de comunicação, podem adotar comportamentos repetitivos também conhecidos como estereotípias e, assim como o nível 2, também possui uma incidência maior para outras comorbidades

2.1 LEGISLAÇÃO

A garantia do direito à educação para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Brasil está fundamentada em um conjunto de dispositivos legais que asseguram não apenas o acesso à escola, mas também condições para permanência, participação e aprendizagem. Essas legislações refletem avanços importantes na consolidação de uma educação inclusiva, orientada pelo princípio da equidade e pelo reconhecimento das especificidades de cada estudante.

A Lei nº 12.764/2012, conhecida como Lei Berenice Piana, representa um marco fundamental ao instituir a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Essa lei reconhece a pessoa com TEA como pessoa com deficiência, garantindo-lhe todos os direitos previstos na legislação brasileira, especialmente no que se refere à educação inclusiva. Entre seus principais avanços, destaca-se o direito ao acesso à escola regular, ao atendimento educacional especializado e, quando necessário, ao acompanhamento por profissional de apoio escolar. A lei também reforça a responsabilidade do Estado em promover políticas públicas que assegurem o desenvolvimento pleno dessas crianças.

Outro importante instrumento legal é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), que estabelece as bases da educação brasileira. A LDB determina que a educação especial deve ser oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, garantindo currículos, métodos, recursos e organização específicos para atender às necessidades dos estudantes com deficiência, incluindo aqueles com TEA. Além disso, a lei enfatiza a importância da formação de professores para atuar na educação inclusiva, aspecto essencial para a efetividade das práticas pedagógicas.

A Lei nº 12.796/2013, que atualiza a LDB, reforça ainda mais o compromisso com a inclusão ao assegurar o atendimento educacional especializado gratuito aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento — categoria que inclui o TEA — e altas habilidades ou superdotação. Essa legislação amplia a responsabilidade do sistema educacional em garantir suporte adequado para o processo de ensino e aprendizagem.

Destaca-se também a Lei nº 13.146/2015 (Estatuto da Pessoa com Deficiência), que consolida direitos fundamentais e estabelece diretrizes para a inclusão em diferentes esferas sociais, incluindo a educação. Essa lei assegura um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, proibindo a cobrança de valores adicionais por instituições privadas e garantindo

adaptações razoáveis, recursos de acessibilidade e apoio necessário ao estudante com deficiência.

Além disso, políticas públicas como a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva orientam a organização dos sistemas de ensino para promover a inclusão escolar, assegurando o atendimento educacional especializado e a eliminação de barreiras que dificultam a aprendizagem.

Dessa forma, observa-se que o arcabouço legal brasileiro é robusto e estabelece diretrizes claras para a inclusão de crianças com TEA no sistema educacional. No entanto, o desafio reside na efetivação dessas leis no cotidiano escolar. A garantia do direito à educação inclusiva depende não apenas da existência de normas, mas de sua aplicação prática, que envolve formação docente, planejamento pedagógico adequado, recursos acessíveis e o compromisso coletivo de promover uma educação que respeite as diferenças e assegure oportunidades reais de aprendizagem para todos.

2.2 ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TEA

A prática pedagógica deve contemplar a realidade do aluno com TEA, por meio de diferentes processos de intervenções e planejamento de acordo com as necessidades de cada um, estimulando habilidades existentes e desenvolvendo novas habilidades e capacidades cognitivas, além de desenvolver também habilidades de interação social e na alfabetização não é diferente.

O processo de alfabetização de crianças com transtorno do espectro autista apresenta características específicas e exige adaptações para respeitar o ritmo, as habilidades e dificuldades individuais da criança, sendo assim, é essencial avaliar as habilidades cognitivas e linguísticas como compreensão oral, vocabulário e memória da criança além das habilidades sensoriais e motoras como coordenação motora fina para escrita e sensibilidades sensoriais como também avaliar seus interesses e preferências visto que muitos aprendem melhor com temas e objetos de interesse especial.

O ensino estruturado possuindo sequências claras ajudam na compreensão, o reforço positivo também é importante a fim de motivar o aprendizado, além de ensinar uma habilidade por vez antes de avançar contribui para uma alfabetização mais eficaz destas crianças.

Alguns métodos de alfabetização indicados e estudados em sala de aula são os métodos fônicos e silábicos, o método fônico ensina a relação entre letras e sons, útil para crianças que se beneficiam de estruturas claras e sequenciais, crianças com TEA com boa memória auditiva se beneficiam ao associar os sons as letras permitindo trabalhar a decodificação das palavras podendo haver algumas adaptações como recursos visuais para ilustrar o som das letras e a integração com músicas ou rimas que chamem a atenção da criança, o *método silábico* ajuda a reconhecer sílabas e padrões de palavras que ao explorar padrões repetitivos, é um ambiente confortável para crianças que gostam de previsibilidade ajudando a desenvolver a consciência fonológica de forma segmentada podendo haver algumas adaptações como uso de cartões com sílabas coloridas ou blocos de letras táteis.

Além desses dois há também o método com apoio de imagens, onde oferece figuras, cartões e pictogramas que podem facilitar a aprendizagem ajudando a criar conexões concretas entre as palavras escritas e significados, reduzindo a abstração, além de abordagens multimodais onde combina diferentes estímulos sensoriais sendo auditivo, visual e tátil permitindo que a criança aprenda pelo canal que mais se adequa ao seu perfil

reduzindo frustração, se a criança possui dificuldade em um canal, outro pode compensar.

Vale lembrar que nenhum método precisa ser usado isoladamente, muitas vezes o mais eficaz é combinar os métodos dentro de uma abordagem multimodal, a chave é observar quais estratégias a criança responde melhor e ir ajustando gradualmente, com isso é importante ressaltar que não há um método único, os professores devem adquirir conhecimento de diferentes métodos e também adquirir conhecimento quanto às crianças que estão em sala de aula para que possam criar o equilíbrio apropriado dos métodos requeridos pelas crianças.

É preciso considerar também a adaptação do ambiente de acordo com as necessidades da criança, reduzindo distrações sensoriais, criando uma rotina previsível e organizada e usando suportes visuais como agendas, cronogramas e instruções. Os aspectos emocionais e sociais da criança também precisam ser levados em consideração no processo, respeitar o tempo da criança sem gerar ansiedade, incentivar a interação gradual com outros colegas e integrar a família no processo de ensino pode vir a contribuir de forma positiva no ensino/aprendizagem da criança.

Vale a pena considerar também o uso de avaliações contínuas para identificar progressos e dificuldades e de acordo com estas avaliações ajustar ou não estratégias conforme a evolução da criança além de necessário o trabalho colaborativo entre professores, psicopedagogos, terapeutas e familiares.

Quando pensamos em educação para crianças com o transtorno do espectro autista não podemos deixar de lado alguns aspectos da aprendizagem como o Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) e o Plano Educacional Individualizado (PEI), como trazido por Ribeiro (2024) o DUA busca oferecer múltiplas possibilidades para o ensino, se propondo a responder às necessidades de diferentes estudantes, removendo barreiras pedagógicas na escola para garantir a acessibilidade curricular e reduzir adaptações curriculares individuais, desta forma, o design universal para a aprendizagem se trata de uma abordagem pedagógica inclusiva a fim de projetar currículo mais acessíveis a todos.

As dificuldades apresentadas pelas crianças muitas vezes são vistas como empecilhos da aprendizagem gerando, assim uma rotulação dos sujeitos, portanto é necessário que as escolas trabalhem a equidade e reduza as barreiras ao ensino e à aprendizagem e é aí que o DUA entra definindo estratégias que auxiliem o professora a definir os objetivos de ensino e criar materiais e avaliações que se adequem a todos, como exemplos de estratégias que podem ser aplicadas no DUA para crianças TEA, está a comunicação alternativa como placas de comunicação ou figuras para ajudar na interação e

expressão, rotinas visuais e alfabeto móvel. letras texturizadas, materiais adaptados, entre outros.

Já o Plano Educacional Individualizado é um documento pedagógico personalizado criado para atender as necessidades específicas de alunos com deficiência adaptando o currículo e as estratégias de ensino para garantir o pleno desenvolvimento da criança levando em consideração suas habilidades, dificuldades e potencialidades de forma individualizada garantindo que os estudantes tenham acesso a educação de forma justa e promova sua participação na vida escolar envolvendo professores, escola, família e uma equipe multidisciplinar de acordo com suas necessidades, desta maneira documenta as necessidades do aluno, as estratégias que serão usadas, os recursos que serão necessários e os objetivos de curto, médio e longo prazo, sendo elaborado pelo professor a partir de uma avaliação do aluno com necessidade educacional específica tornando assim a educação mais eficaz e inclusiva.

3. METODOLOGIA

A pesquisa possui um caráter qualitativo e descritivo, onde o foco se encontra na compreensão sobre o objetivo de analisar os diferentes métodos e práticas eficazes na alfabetização de crianças com Transtorno do Espectro Autista, utilizando como coleta de dados uma entrevista estruturada online possuindo um roteiro com 15 (quinze) perguntas abertas para duas professoras dos anos iniciais de uma escola particular de João Pessoa, sendo um método de coleta de dados previamente definido e padronizado, nesse tipo de entrevista, todas as pessoas respondem às mesmas questões, na mesma ordem e com poucas ou nenhuma variação, o que garante maior comparabilidade e organização dos dados.

Foi utilizada também de uma análise de materiais utilizados em sala de aula pelas professoras, buscando entender como estes materiais são utilizados, suas funções, benefícios e limitações em sala de aula, a análise ocorreu através de uma observação participante durante o período de 3 semanas em sala de aula além de conversas informais com as professoras.

4. A ENTREVISTA

A temática abordada para a entrevista é sobre o processo de alfabetização e como se dá essa alfabetização para crianças TEA, sendo uma pesquisa exploratória visa familiarizar-se com o assunto abordado a fim de construir hipóteses para pesquisas futuras; No segundo momento foi realizada uma análise de materiais utilizados por estas professoras em sala de aula durante esse processo de alfabetização de acordo com tudo que falado anteriormente.

A entrevista ocorreu de forma online por conta do período de férias do ano letivo, desta forma as perguntas foram enviadas de forma online e com o recebimento das respostas via e-mail e este processo ocorreu sob todos os cuidados quanto a segurança e privacidade dos envolvidos e sobre o cuidado do termo de livre consentimento (TCLE) possuindo como benefícios da participação da pesquisa uma coleta de dados mais aprofundada sobre o assunto tratado a fim de obter informações mais detalhadas sobre o tema , flexibilidade na pesquisa.

As perguntas estão anexadas no apêndice e consistem em inicialmente entender o perfil da professora e de sua formação para então seguir com perguntas relacionadas ao seu trabalho com crianças com TEA e como ocorre o processo de acolhimento e aprendizado daquela criança e finalizando com perguntas de caráter pessoal sobre suas opiniões sobre a adaptação para crianças com TEA dentro de uma sala regular

5. ANÁLISE E RESULTADOS DA ENTREVISTA

O PERFIL DAS PROFESSORAS

Ambas possuem cerca de 3 anos de experiência em sala de aula, e tiveram contato com os materiais de alfabetização diversificados durante a formação, mas ambas enfatizam a importância da prática no dia a dia, trazendo como algo essencial para a construção de conhecimentos e aprendizados. Quando perguntadas sobre se fizeram alguma formação complementar, a professora A disse que não, mas está sempre pesquisando artigos sobre o tema alfabetização, letramento e educação especial, já a outra professora B optou por um resgate de conhecimento e ver de forma mais específica como o cérebro costuma trabalhar em cada dificuldade, realizando uma pós-graduação em Neuropsicopedagogia.

As duas professoras tiveram contato com crianças TEA. A professora A teve contato com três crianças, duas delas já sabiam ler e a outra ainda silabando, com dificuldade na escrita; já a professora B teve contato com duas crianças com diagnóstico: uma menina no nível 1 de suporte, sendo assistida por terapias desde 3 anos de idade, sem necessidade de um mediador. Chegou alfabetizada, o que fez ser tranquilo o processo do 1º ano. A outra criança é um menino no nível de suporte 3, que também era assistido por terapias e possuía o apoio de um mediador, mas que ficou por pouco tempo, pois ele quase não ficava em sala, precisando sair para se regular constantemente.

Como foi possível observar nas respostas das professoras, ambas possuem aproximadamente três anos de experiência em sala de aula e tiveram contato com diferentes materiais de alfabetização durante sua formação inicial. Entretanto, as duas destacam que a prática cotidiana é fundamental para a construção de conhecimentos pedagógicos, indicando que grande parte do aprendizado profissional ocorre na vivência diária com os alunos.

No que se refere à formação continuada, observa-se que as professoras seguem caminhos diferentes, mas complementares. A professora A não realizou cursos formais após a graduação, porém mantém-se atualizada por meio da leitura de artigos sobre alfabetização, letramento e educação especial. Já a professora B buscou aprofundar seus conhecimentos por meio de uma pós-graduação em Neuropsicopedagogia, demonstrando interesse em compreender como o cérebro funciona diante das dificuldades de aprendizagem. Esse

aspecto revela a importância da formação continuada para qualificar a prática pedagógica no contexto da educação inclusiva.

A formação do professor não se constrói apenas por meio de cursos ou conteúdos teóricos, mas também pela reflexão sobre a própria prática e pela experiência cotidiana em sala de aula “A formação não se constrói por acumulação de cursos, de conhecimentos ou de técnicas, mas sim através de um trabalho de reflexão crítica sobre as práticas e de reconstrução permanente da identidade pessoal.” (Nóvoa apud Lopes, 2021)

A experiência das professoras com crianças com TEA também apresenta diferenças. A professora A relatou ter trabalhado com três crianças, duas já alfabetizadas e uma com dificuldades na escrita. A professora B, por sua vez, teve experiência com duas crianças com diagnóstico, sendo uma no nível 1 de suporte que já chegou alfabetizada e outra no nível 3, que necessitava de maior apoio e frequentemente precisava sair da sala para se regular emocionalmente. Esses relatos demonstram a heterogeneidade existente dentro do espectro autista, reforçando que cada aluno apresenta necessidades específicas no processo educativo.

O Lev Vygotsky, embora não trate especificamente do TEA, contribui significativamente para a compreensão do processo de aprendizagem ao defender que o desenvolvimento humano ocorre de forma singular e é mediado pelas interações sociais como mencionado anteriormente. A partir de conceitos como a ZDP, o autor evidencia que cada indivíduo possui um ritmo e um percurso próprio de desenvolvimento, que pode ser ampliado com a mediação adequada do outro. Nesse sentido, reforça-se a necessidade de considerar as particularidades de cada aluno no contexto educacional. Dessa forma, cada criança com TEA apresenta características, potencialidades e necessidades específicas, exigindo do professor práticas pedagógicas flexíveis, estratégias diferenciadas e um olhar sensível que favoreça sua participação e aprendizagem no ambiente escolar.

TRABALHO COM CRIANÇAS TEA

Quando recebe uma criança TEA na sala de aula, a professora A procura sempre investigar as dificuldades da criança para poder ajudar da melhor maneira possível, já a professora B primeiramente, se necessário, realizar uma conversa informal com os pais e durante os primeiros dias realiza também uma observação da criança em sala e nos espaços de socialização. E com esse conhecimento inicial, agenda uma conversa com a família e, se for acompanhado, uma conversa com a equipe de apoio. E assim junto com a equipe da escola elaboramos estratégias para o acompanhamento da criança.

Os aspectos principais a serem analisados pelas professoras ao receberem crianças TEA são seu desenvolvimento e dificuldades pedagógicas, interação com os colegas e seu aspecto intelectual. Quando não há uma comunicação adequada entre a escola e a família as professoras buscam observar sempre as dificuldades na aprendizagem de crianças com ou sem laudo. Mesmo sem acompanhamento familiar, tentam em sala de aula trazer estratégias que melhorem sua aprendizagem. As mais utilizadas são: trazê-la para mais próximo do quadro e da professora, explicar de forma individual, recursos que promovam a atenção, como um alfabeto móvel, apoio para as pernas e etc.

Quanto aos materiais, ambas as salas estão assistidas por diferentes materiais, como diferentes alfabetos móveis (emborrachado, de madeira, de papel, cursivo e bastão), letras cursivas na lixa texturizada, plaquinhas do alfabeto com o formato da boca quando emite o fonema, diversos livros, jogos alfabéticos para formação de palavras, frases e textos, fichas de leitura, entre outros. Segundo as professoras, estes materiais são utilizados por todos os alunos em sala de aula, mas se houver uma criança que precise de adaptação, não costumam utilizar materiais com muitas diferenças, apenas alguns ajustes dentro da mesma temática trabalhada e com objetivos semelhantes, de acordo com o nível que a criança alcança e, se possível, apresentado no mesmo momento, e que as crianças com TEA vão precisar desse suporte por mais tempo nesse processo de alfabetização.

As professoras relataram que a maior dificuldade neste processo de alfabetização voltado para crianças com TEA está na maior falta de atenção que as crianças possuem e na falta de tempo para realização das adaptações necessárias para aquela criança. Quanto aos aspectos analisados, em uma avaliação da criança com autismo, mas não precisa de mediador ou um acompanhamento adaptado, o processo se dá da mesma forma dos demais.

Quando não é, é observado o plano individual dele e dentro do plano, analisamos

se alcançou o que era esperado, podendo ser vários aspectos dependendo da sua realidade.

Quando a criança possui um acompanhante terapêutico (AT), as professoras planejam, articulam as atividades e guiam com o objetivo que pretendem alcançar, dão orientações e a pessoa que está como AT, realiza esse acompanhamento individual, guiando a criança, acompanhando as dificuldades e os avanços dela. Ambas as professoras relatam que o maior desafio das adaptações é a falta de tempo para planejar, organizar e executar as adaptações de maneira adequada em sala de aula, principalmente quando há mais de uma criança com laudo em sala e tendo que assistir a todas.

Quanto às estratégias adotadas ao receber um aluno com TEA, ambas as professoras enfatizam a importância da observação e do diagnóstico das necessidades individuais. A professora A prioriza investigar as dificuldades da criança diretamente em sala de aula, enquanto a professora B busca inicialmente dialogar com a família e observar o comportamento do aluno nos primeiros dias, articulando posteriormente estratégias com a equipe pedagógica e, quando necessário, com profissionais de apoio. Essa postura evidencia a relevância da parceria entre escola, família e equipe multidisciplinar no processo de inclusão visto que de acordo com o Ministério da Educação (2018), a educação inclusiva pressupõe a participação da família, a articulação intersetorial e o atendimento às necessidades específicas dos estudantes, o que evidencia a importância do trabalho conjunto entre escola, família e profissionais de diferentes áreas.

No que diz respeito aos recursos pedagógicos, as duas professoras relatam que as salas de aula possuem uma variedade de materiais de alfabetização, como alfabetos móveis, letras texturizadas, jogos de formação de palavras e livros. Esses materiais são utilizados por todos os alunos, seguindo uma perspectiva inclusiva. Quando necessário, são realizadas pequenas adaptações dentro da mesma proposta pedagógica, respeitando o nível de desenvolvimento da criança com TEA. De acordo com Ferreiro e Teberosky (1999), as crianças constroem hipóteses sobre a escrita, passando por diferentes níveis de desenvolvimento, o que exige do professor a proposição de atividades que considerem essas diferentes etapas de aprendizagem, desta forma, essa prática realizada pelas professoras demonstra uma tentativa de promover a inclusão sem separar ou diferenciar excessivamente os alunos.

Entretanto, as professoras apontam desafios importantes no processo de alfabetização de alunos com TEA. Entre os principais estão a dificuldade de atenção apresentada por algumas crianças e a falta de tempo para planejamento e adaptação das atividades. Esse fator torna-se ainda mais complexo quando há mais de um aluno com

necessidades educacionais específicas na mesma turma. Outro aspecto destacado refere-se ao papel do acompanhante terapêutico que, quando presente, auxilia no acompanhamento individual do estudante, orientado pelo planejamento.

OPINIÕES PESSOAIS

Ao serem perguntadas se todas as crianças TEA, independente do nível de suporte, conseguem se adaptar numa sala regular, a professora A foi enfática ao dizer que não, pois segundo ela, algumas crianças têm demandas que uma sala regular não consegue satisfazer. A Professora B acredita que sim, mas dependendo do nível da criança é um grande desafio. Observei alguns exemplos onde todos os envolvidos sofrem, a criança, professores e os demais alunos da turma, dependendo do caso precisa-se analisar o que seria melhor para o desenvolvimento do educando.

Quando perguntadas se as escolas estão preparadas para promover a adaptação de crianças com diferentes níveis de TEA, a professora A relata que as escolas precisam de formações continuadas para todos os profissionais da escola e sensibilidade do corpo docente para receber essas crianças. Já a professora B, acredita que muitas escolas ainda não estão, precisa-se de uma preparação melhor, com formação para todos os funcionários, melhoria na estrutura e conversa com as demais famílias.

Nas opiniões pessoais, observa-se uma divergência de perspectivas sobre a inclusão em salas regulares. A professora A acredita que nem todas as crianças com TEA conseguem se adaptar ao ensino regular, pois algumas possuem demandas que ultrapassam as possibilidades da sala de aula comum. Já a professora B acredita que a inclusão é possível, embora reconheça que, em alguns casos, o processo pode ser extremamente desafiador para todos os envolvidos. Essas visões revelam o debate existente na área da Educação Inclusiva sobre os limites e possibilidades da inclusão escolar, Para Carvalho (2004), a inclusão escolar vai além do acesso à escola regular, exigindo a garantia de condições reais de aprendizagem e participação, o que implica na reorganização das práticas pedagógicas e no oferecimento de apoios que atendam às necessidades dos alunos

Por fim, ambas concordam que muitas escolas ainda não estão plenamente preparadas para atender estudantes com diferentes níveis de TEA. Entre as necessidades apontadas estão a ampliação das formações continuadas para os profissionais da educação,

melhorias na estrutura escolar e maior diálogo com as famílias. Esses fatores são considerados fundamentais para garantir uma inclusão escolar mais efetiva e um processo de alfabetização que respeite as singularidades de cada estudante.

6. ANÁLISE DE MATERIAIS

O uso de diferentes materiais em sala de aula ainda é visto como desafiador para diversos professores, pois o material deve ser preparado e pensado com uma maior atenção para a turma, em especial, se a mesma possuir alunos com algum tipo de deficiência (Oliveira, 2023). Desta forma, muitas vezes por uma dificuldade de saber como adotar e adaptar atividades utilizando determinados materiais na rotina da escola e de sala de aula, os professores podem evitar utilizar e até mesmo enxergar determinados recursos como uma dificuldade.

O uso de diferentes materiais em sala de aula pode favorecer a aprendizagem ao tornar o ensino mais acessível e significativo para todos os alunos. Quando o professor utiliza materiais variados, como jogos pedagógicos, recursos visuais, letras móveis, materiais táteis e livros diversificados, ele amplia as possibilidades de compreensão dos conteúdos, atendendo às diferentes formas de aprendizagem presentes na turma.

No contexto da Educação Inclusiva, esses recursos tornam-se ainda mais importantes, pois contribuem para que estudantes com necessidades educacionais específicas, como aqueles com Transtorno do Espectro Autista, possam participar das atividades de maneira mais ativa e significativa. Dessa forma, o uso de materiais diversificados não deve ser visto apenas como um desafio para o professor, mas como uma estratégia pedagógica que favorece a inclusão, estimula o interesse dos alunos e contribui para um processo de ensino e aprendizagem mais dinâmico e eficaz.

6.1 ALFABETO E RÉGUA

Figura 1 – Alfabeto e régua.



Fonte: Autoria própria, 2025. (Descrição: imagem de uma régua alfabética com letras de A a Z e números de 0 a 1, sob uma ficha com os diferentes formatos de letra de A a Z, sob uma mesa amarela)

A ficha com o alfabeto é entregue para todas as crianças no início do período letivo e tem como objetivo ajudar na memorização das crianças, a régua é mais utilizada para aquelas crianças que possuem uma maior dificuldade na compreensão da escrita da letra.

A régua alfabética funciona como um suporte visual e pedagógico no processo de alfabetização, servindo como uma ferramenta de consulta rápida para o reconhecimento de letras, ordem alfabética e, em muitos casos, relação letra imagem, porém o uso excessivo deste recurso sem possuir uma intenção por trás pode tornar a atividade monótona e mecânica além de correr o risco da criança ficar dependente da régua para escrever.

Para que a régua alfabética cumpra seu papel de forma eficaz, é importante que seu uso esteja associado a estratégias pedagógicas que estimulem a autonomia da criança no processo de alfabetização. O professor pode utilizá-la como um apoio inicial para a identificação das letras e formação de palavras, incentivando gradualmente que o aluno desenvolva a memória e o reconhecimento das letras sem depender exclusivamente desse recurso.

6.2 ALFABETO MÓVEL

Figura 2 – Alfabeto móvel.



Fonte: Autoria própria, 2025. (Descrição: Diferentes letras cursivas coloridas de diferentes tamanhos, na primeira imagem sob uma mesa amarela, na segunda imagem distribuídas em ordem em um varal das letras)

O alfabeto móvel em diferentes tamanhos e texturas auxilia as crianças a compreender a forma e a escrita das letras auxiliando no processo de escrita de pequenas palavras auxiliando também uma maior interação das crianças da turma e a realização de atividades direcionadas utilizando os materiais.

O uso do alfabeto móvel em sala de aula promove autonomia, desenvolvimento motor fino e compreensão do sistema de escrita de forma lúdica, torna a alfabetização prazerosa, estimulando a imaginação e a criatividade além de melhorar a coordenação motora fina ao manusear as peças e aumenta a capacidade de concentração e resolução de problemas, mas vale se atentar que o uso deste material requer assim como o anterior um planejamento pedagógico claro, pois sem a mediação adequada o uso deste material se torna apenas uma brincadeira por parte da criança.

Para crianças com Transtorno do Espectro Austista a manipulação física das letras ajuda a fixar o formato e o som, facilitando a aprendizagem de crianças com perfil mais visual ou cinestésico, podendo ser integrado a atividades de rotina, como montar o nome no início da aula, o uso deste material auxilia à crianças TEA na identificação das letras e

construção de palavras, proporcionando um maior compreensão do alfabeto, abrindo espaço para novas informações, adquirindo conhecimento e aprendendo tudo ao seu tempo e respeitando suas possíveis limitações.

6.3 ALFABETO FÔNICO

Figura 3 – Alfabeto fônico.



Fonte: Autoria própria, 2025. (Descrição: Diversos papéis coloridos plastificados onde mostra na parte de cima do papel o formato da boca ao pronunciar a letra e abaixo a letra correspondente, em cima de uma mesa amarela)

O alfabeto fônico utilizado na escola constitui num método que compreende as letras pelo som que elas representam para assim formar as sílabas em seguida, além da professora como representante do som também é mostrado e trabalhado o material da imagem onde é mostrado através de imagem o posicionamento da boca no momento da fala e a letra que esse movimento representa.

O uso do alfabeto fônico em sala de aula ajuda as crianças a identificar e manipular os sons individuais das palavras, capacita o aluno a decodificar palavras desconhecidas, aumentando a confiança e a independência na leitura, pode ser aplicado de forma lúdica, engajando as crianças ao associar sons a letras, além de proporcionar uma aprendizagem mais ágil, porém pode priorizar a leitura mecânica (decodificação) em detrimento da compreensão total do texto além de apresentar maior dificuldade na leitura de palavras que não seguem regras fonéticas estritas.

Muitos profissionais aos quais tive contato durante meus estágios e as professoras entrevistadas consideram que o método fônico é eficaz para alfabetizar crianças com TEA, pois foca na associação entre o som e o símbolo gráfico da letra, facilitando a

decodificação, Para Soares apud Silva (2022) funciona bem para o ensino do autismo porque respeita o desenvolvimento cerebral e cognitivo do aluno e a forma como ele aprende a ler e escrever.

Silva (2022) ainda destaca a importância dos fundamentos fonológicos no ensino da leitura e da escrita, mostrando que indivíduos com autismo que aprendem a relação entre letras e sons por meio de métodos de ensino fonológico progredem mais do que no aprendizado pelos métodos globais.

6.4 SÍLABAS

Figura 4 – Sílabas.



Fonte: Autoria própria, 2025. (Descrição: Diversos quadradinhos de sílabas amarelas com letras verdes feito de madeira sob uma mesa amarela)

Após uma maior compreensão das letras e seus sons é então introduzido as sílabas e através de brincadeiras direcionadas pela professora com as peças mostradas e outras atividades com o intuito de construir novas palavras.

O material silábico é uma ferramenta tradicional de alfabetização baseada no método silábico, que utiliza sílabas, combinações de consoantes e vogais como unidade básica para o ensino da leitura e escrita. Ele foca na memorização e repetição de famílias silábicas para formar palavras.

O uso deste material facilita a compreensão da estrutura da língua portuguesa, partindo de unidades menores (sílabas simples) para maiores (palavras e frases), é eficaz para alunos que precisam de repetição mecânica para fixar padrões visuais e auditivos, porém pode levar a uma leitura mecânica, onde a criança lê a sílaba, mas não compreende o significado da palavra ou frase além de que focar apenas em sílabas prontas pode dificultar a compreensão de sons individuais necessários para a ortografia correta.

Para crianças TEA, materiais silábicos adaptados são eficazes para alfabetizar, pois

utilizam suporte visual, lúdico e concreto para ensinar a relação fonema grafema. No caso da escola, como mostrado na imagem faz o uso de blocos de sílabas que ajuda a focar a atenção, facilita o planejamento motor e aumenta o engajamento na aprendizagem.

6.5 ALFABETO CURSIVO EM LIXA

Figura 5 – Alfabeto fônico.



Fonte: Autoria própria, 2025. (Descrição: Diferentes letras cursivas feitas em lixa fixas em um material amadeirado nas cores azul e vermelho, sob uma mesa amarela)

Após a compreensão do alfabeto em bastão, identificação das letras e construção das palavras é então introduzido ao alfabeto cursivo onde é possível utilizar diversos materiais como o alfabeto móvel mas também o alfabeto em lixa para que as crianças possam sentir através da textura e formato da letra como é realizado o processo de escrita destas letras.

A escola por seguir o método montessori utiliza esse material em lixa projetado para ensinar a escrita e a leitura através de uma abordagem multissensorial, permitindo que a criança toque, sinta a textura e contorne o formato da letra, ao traçar as letras com os dedos, a criança internaliza o movimento correto para a escrita antes mesmo de usar o lápis, criando uma memória muscular além de que as letras de lixa engajam a criança ao ver a forma, sentir a textura áspera e ouvir o fonema correspondente pronunciado pelo educador, além de que o material é atraente para as crianças o que permite que a criança explore no seu próprio ritmo, porém para o uso eficiente das letras de lixa requer, uma apresentação um educador-criança para garantir que o som e o movimento estejam corretos além de que para algumas crianças, a transição entre o toque na lixa e a escrita com o lápis no papel pode não ser imediata.

Como falado anteriormente o uso de materiais sensoriais ajudam e facilitam para o aprendizado de crianças TEA, este material ao usar o tato permite com que a criança TEA associe formas de letras a texturas, o que auxilia na memória tátil, fonética e coordenação motora a utilização deste material ajuda a concretizar conceitos abstratos focando em estímulos sensoriais que podem ser mais facilmente processados, além da lixa, atividades como escrita em areia também estimulam a memória tátil e visual.

Desta forma o alfabeto em lixa é considerado uma ferramenta eficaz para introduzir letras, focando na preparação sensorial da escrita. Seus benefícios no desenvolvimento da coordenação e memória muscular são inúmeros desde que apresentado de forma correta e sequencial, portanto, a mediação da professora se faz essencial no uso deste material.

Porém, para o devido uso eficaz deste material se faz necessário observar a criança e suas necessidades visto que algumas crianças dentro do espectro autista têm uma maior sensibilidade a diferentes texturas o que pode tornar o uso deste material ineficaz e desconfortável para a criança, desta forma, é fundamental que o professor utilize esse recurso de forma flexível, respeitando as particularidades de cada aluno e adaptando as estratégias sempre que necessário para garantir uma aprendizagem mais confortável e significativa.

6.6 JOGOS

Figura 1 – Alfabeto fônico.



Fonte: Autoria própria, 2025. (Descrição: Peças de um jogo de quebra-cabeça, onde uma peça possui um Letra e a outra para encaixar possui uma imagem correspondente a letra, algumas peças dentro da caixa outras espalhadas numa mesa amarela)

Além dos materiais mostrado anteriormente, a sala das turmas de alfabetização possui diversos jogos para fixação do que está sendo trabalhado em sala de aula e desenvolver suas habilidades, além de visualizar na imagem é realizado brincadeiras com massinha de modelar para formar determinadas letras, escrita das letras na areia, entre outros.

O uso de jogos como o mostrado na imagem de associação da palavra x imagem facilitam a aprendizagem, alfabetização e desenvolvimento cognitivo das crianças, esses jogos ajudam a internalizar novos termos ao conectá-los a uma imagem concreta, exige foco para encontrar a correspondência correta, desenvolve a capacidade de raciocínio lógico e percepção visual, além de tornar o aprendizado divertido e motivador, além de promover a comunicação entre as crianças, mas algo a chamar a atenção nesse tipo de jogos quando utilizados em sala de aula é ter um direcionamento pedagógico para que o aprendizado ocorra de maneira eficaz e não se limite a apenas o lúdico, a brincadeira.

Para crianças TEA não é diferente, o uso de diferentes jogos para a alfabetização são muito eficazes, o uso do lúdico na educação de crianças TEA ocupa o lugar de extrema importância, pois é através destas brincadeiras que estimulam a cognição, foco, coordenação motora fina, percepção visual e habilidades de categorização

Além destes materiais utilizados em sala de aula, a professora responsável pela alfabetização também utiliza de diferentes espaços e estratégias para trabalhar a alfabetização das crianças como argila, desenhos na areia do jardim da escola, brincadeiras como pescaria para identificação das letras, desenhos em giz no chão entre outras diferentes estratégias para ajudar a desenvolver a criança neste processo de alfabetização de maneira divertida, unindo a brincadeira ao conteúdo trabalhado em sala de aula.

Desta forma, analisando estes materiais é possível observar que a escola possui um rico acervo de objetos para diferentes níveis de alfabetização, o que demonstra uma proposta pedagógica diversificada e rica em recursos voltados para o processo de alfabetização. A presença destes diferentes instrumentos evidencia uma preocupação em contemplar diferentes formas de aprendizagem, utilizando recursos visuais, táteis e lúdicos para facilitar a compreensão do sistema de escrita.

Essa variedade de materiais contribui para tornar o processo de alfabetização mais dinâmico e significativo, favorecendo o desenvolvimento da leitura, da escrita, da coordenação motora e da consciência fonológica das crianças. Além disso, muitos desses recursos permitem adaptações que favorecem estudantes com necessidades educacionais específicas, como aqueles com Transtorno do Espectro Autista, aproximando a prática pedagógica dos princípios da Educação Inclusiva.

Entretanto, a análise também evidencia que a eficácia desses materiais depende diretamente do planejamento pedagógico e da mediação do professor, pois, quando utilizados sem intencionalidade educativa, podem se tornar apenas atividades mecânicas ou recreativas, sem contribuir de forma significativa para a aprendizagem.

Desta forma é necessário levar em consideração que a existência destes materiais não é suficiente para um ensino eficaz das crianças, é preciso que a professora regente daquela sala esteja familiarizada com estes determinados métodos e saiba como utilizá-los de maneira adequada em sala de aula, percebendo quais métodos são mais eficazes para aqueles alunos a fim de compreender suas dificuldades e habilidades à ser trabalhadas em sala, estando num constante processo de avaliação e adequação de métodos e estratégias de ensino, e desta forma compreendendo a importância destes materiais no processo de ensino e aprendizagem, dando o espaço necessário para que eles auxiliem na compreensão do que

foi trabalhado em sala de aula, sendo assim um facilitador na entendimento do conteúdo estudado..

7. CONCLUSÃO

A partir da análise das entrevistas com as professoras e da observação dos materiais utilizados na escola, foi possível compreender que o processo de alfabetização exige uma prática pedagógica planejada, flexível e sensível às necessidades individuais dos alunos. As professoras demonstram reconhecer a importância da experiência cotidiana em sala de aula, bem como da formação continuada para lidar com os desafios da alfabetização, especialmente quando há estudantes com Transtorno do Espectro Autista. Observa-se também que a parceria entre escola, família e equipe de apoio se mostra essencial para compreender as particularidades de cada criança e elaborar estratégias pedagógicas mais adequadas ao seu desenvolvimento.

Além disso, a análise dos recursos pedagógicos evidencia que a escola possui uma diversidade de materiais que favorecem diferentes formas de aprendizagem, utilizando estímulos visuais, táteis e lúdicos que contribuem para tornar o processo de alfabetização mais dinâmico e significativo. Esses materiais, quando utilizados com intencionalidade pedagógica, podem favorecer o desenvolvimento da leitura, da escrita e da coordenação motora, além de contribuir para práticas alinhadas aos princípios da Educação Inclusiva. Contudo, também se evidencia que apenas a presença desses recursos não garante a eficácia do ensino, sendo fundamental que o professor saiba utilizá-los de forma planejada, observando constantemente as necessidades, dificuldades e potencialidades dos alunos.

Como limitação desta pesquisa, destaca-se o fato de que inicialmente havia a intenção de acompanhar de forma mais aprofundada o processo de alfabetização de uma criança com Transtorno do Espectro Autista dentro do contexto da sala de aula, buscando observar diretamente suas interações, estratégias de ensino utilizadas e avanços ao longo do período. No entanto, devido à limitação de tempo para a realização do estudo e à necessidade de respeitar o cronograma escolar, não foi possível desenvolver essa etapa da pesquisa de maneira mais detalhada. Dessa forma, o trabalho concentrou-se principalmente na análise das entrevistas com as professoras e na observação dos materiais pedagógicos utilizados na escola. Nesse sentido, ressalta-se a importância da realização de novas pesquisas na área, especialmente estudos que acompanhem de forma longitudinal o processo de alfabetização de crianças com TEA em contextos de Educação Inclusiva.

Dessa forma, conclui-se que a alfabetização, especialmente em contextos

inclusivos, demanda não apenas materiais diversificados, mas também professores preparados, reflexivos e dispostos a adaptar suas práticas pedagógicas. A formação continuada, o planejamento adequado e a mediação consciente do professor tornam-se elementos essenciais para que os recursos disponíveis realmente contribuam para uma aprendizagem significativa, respeitando o ritmo e as particularidades de cada criança.

8. REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Alina Gusmão; ALVES, Marcelo Paraíso. *O brincar como intervenção pedagógica nos transtornos do espectro do autismo*. Revista Práxis, Vol. 8, n. 1 (Suplemento), dez. 2016. DOI/ISSN: 2176-9230.

Disponível em: <https://unifoa.emnuvens.com.br/praxis/article/download/785/631/3879>.

BRANDE, C. A.; ZANFELICE, C. C. A inclusão escolar de um aluno com autismo: diferentes tempos de escuta, intervenção e aprendizagens. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 25, n. 42, p. 43–56, 2012. DOI: 10.5902/1984686X3350. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/3350>.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

RADAELLI, M. E. B. Contribuições de Vygotsky e Bakhtin para a linguagem: interação no processo de alfabetização. *Thêma et Scientia*, Cascavel, v. 1, n. 1, p. 30-34, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://themaetscientia.fag.edu.br/index.php/RTES/article/view/572/663>.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2010.

SOARES, A. M. *A importância da intervenção pedagógica em crianças*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: <https://adelpha.api.mackenzie.br/server/api/core/bitstreams/48758570-600b-47e1-a87e615f0f2d4bdf/content>

COSTA, Yacc A. C. *Análise da aplicação da Análise Comportamental Aplicada (ABA) em contexto educacional*. 2024. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/server/api/core/bitstreams/58457aaa-effc-4a71-951a-08826cab6b1a/content>

SANTOS, Elizandro Aparecido Rocha dos; LOPES, Klyssiane Uchôa Souza; NASCIMENTO, João Luiz Nunes do (orgs.). *Pedagogia - Desafios e Práticas*

Pedagógicas no Contexto Amazônico: Volume 4. Belo Horizonte: Poisson, 2024. ISBN 978-65-5866-379-9. DOI:

10.36229/978-65-5866-379-9.

Disponível

em:

https://www.poisson.com.br/livros/individuais/Pedagogia/volume4_amazonico/Pedagogia_amazonico_Vol4.pdf

Penteado, Isabela. *O processo de alfabetização em crianças autistas*, 2023.

Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro. 2023.

Disponível

em:

<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/f30cd964-b627-4dcb-a8fe8bf3539f0827/content>

Santos, F. L. da C. (2024). O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE ALUNOS COM TEA

(TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA). *Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação*, 10(9), 1402–1411. <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/13957>

Guedes, D. F., Coelho Neto, J., & Blanco, M. B. (2020). Percurso investigativo de um curso de capacitação para professores com o uso de recurso tecnológico na alfabetização de alunos com Transtorno do Espectro Autista. *Revista Educação Especial*, 33, e41/ 1–22. <https://doi.org/10.5902/1984686X41874>

KLEIMAN, Ângela B. *Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever? Linguagem e letramento em foco. Linguagem nas séries iniciais*. Brasília: Ministério da Educação; CEFIEL/IEL/UNICAMP, 2005.

SOARES, M. *Alfabetrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*. São Paulo: Contexto, 2020.

PEREIRA, Cleuzira Custódia. *Alfabetização: métodos e algumas reflexões*. Caldas Novas: Unicaldas, 2013. Disponível em:

https://unicaldas.edu.br/site-novo/wp-content/uploads/2021/04/METODO_ALFABETIZACAO.pdf

RIBEIRO, M. C. F., & Costa-Renders, E. C. (2024). Processo de inclusão escolar de estudantes com TEA: em perspectiva o desenho universal para aprendizagem. *Retratos Da Escola*, 18(40). <https://doi.org/10.22420/rde.v18i40.1682>

Barbosa, L. S., Souza, J. P. L. de, & Faria, W. F. de. (2025). RECURSO DIDÁTICO ADAPTADO DIRECIONADO À INCLUSÃO DE ALUNO COM TEA NA EDUCAÇÃO INFANTIL À LUZ DO DUA. *REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO, CULTURA E LINGUAGEM*, 9(19), 44–65. <https://doi.org/10.61389/rbecl.v9i19.9325>

BARBOSA, Leonice Serafim; SOUZA, Jacqueline Prais Lidiane de; FARIA, Wendell Fiori de. Recurso didático adaptado direcionado à inclusão de aluno com TEA na educação infantil à luz do DUA. *Revista Brasileira de Educação, Cultura e Linguagem*, v. 9, n. 19, p. 44-65, out. 2025. DOI: 10.61389/rbcs.v9i19.9325. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/educacaoculturalinguagem/article/view/9325/672>

3

OLIVEIRA, Danna Kare Bernardino; NEPOMUCENO, Aleandra de Paiva. *O alfabeto móvel como instrumento auxiliar no processo de alfabetização de crianças com TEA*. In: ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS / SEMINÁRIO DO PIBID / SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA, IX, 2023, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Realize Editora, 2023. ISSN 2526-3234. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enalic/2023/TRABALHO_COM_ID_ENT_EV190_MD3_ID1930_TB2840_09102023201927.pdf

VASCONCELOS, Jessica Queiroz. O alfabeto móvel como um recurso para o desenvolvimento da leitura e escrita da criança. Anais VIII FIPE... Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/25445> SILVA, Gilvane Fragoso da. *Contribuições do método fônico no processo de alfabetização de crianças com transtorno espectro autista no ensino regular nos anos iniciais do ensino fundamental I*. 2022. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Anhanguera, São Luís, 2022. Disponível em: https://repositorio.pgsscogna.com.br/bitstream/123456789/51308/1/GILVANE_FRAGOSO_DA_SILVA.pdf

LOPES, Laurilene Cardoso da Silva; GUEDES, Neide Cavalcante. A formação continuada de professores e a escola como locus de aprendizagem. *Linguagens, Educação e Sociedade*, Teresina, v. 25, n. 49, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/2819>

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

CARVALHO, Rosita Edler. *Educação inclusiva: com os pingos nos is*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

9. APÊNDICE

Abaixo, segue a lista de perguntas realizadas:

1. Há quanto tempo trabalha na alfabetização de crianças?
2. Durante este tempo, teve contato com crianças TEA? Pode citar algum caso? 3. Durante sua formação teve algum contato com meios de alfabetização diversificados para diferentes dificuldades?
3. Foi preciso procurar alguma formação complementar? Se sim, quais? 5. Quando recebe uma criança com laudo de TEA, qual o primeiro passo da professora e da escola para com essa criança?
4. Quais aspectos principais que se analisa ao receber uma criança TEA? 7. Quando não há uma comunicação adequada entre escola e família, quais atitudes/adaptações são realizadas para aquela criança? É realizada alguma adaptação? Como se dá essa adaptação?
5. Quais materiais estão disponíveis e são utilizados em sala de aula no processo de alfabetização?
6. Há diferenças de materiais utilizados com crianças TEA e crianças com neurodesenvolvimento típico? Se sim, quais? Se não, como se dá a utilização destes materiais em sala de aula?
7. Quais as maiores dificuldades que você sente durante este processo de alfabetização voltado para crianças TEA?
8. Quais aspectos são considerados na análise e avaliação da criança TEA? 12. Quando a criança possui A.T. como se dá este trabalho de alfabetização? 13. Quais as principais dificuldades na adaptação de atividades e materiais para crianças TEA estando numa sala regular?
9. Na sua opinião, todas as crianças TEA independente dos níveis conseguem se adaptar numa sala regular? porque?
10. Na sua opinião, as escolas estão preparadas para promover a adaptação de crianças

com diferentes níveis de TEA? porque?